

Irredentas.

Peypin d'Aigues, 3/12/79: Embora o cristianismo afirme que o Redentor apareceu há já dois mil anos, um número sempre maior de grupos étnicos, (bascos, irlandezes, flamengos, occitanos, bretões, tirelezes, corsas, catalães tec.), se considera irredimido. Há, no entanto, diferença reveladora de mutação profunda entre o irredentismo de final do século 19 e o da atualidade. A irredenta italiana oitocentista, e as demais irredentas que nela se inspiraram, (sobretudo a alemã), visava redimir nações fragmentadas sob soberanias múltiplas pelo estabelecimento de estados nacionais que abarcariam todos os que falam a mesma língua. Neste sentido Hitler, ao reunir a Austria, os sudetos, e o corredor no Grande Reich, e ao transferir as minorias alemãs da Italia, Hungria, Rumania e União soviética para lá, é o Redentor alemão, um tanto historicamente retardado. Porque este tipo de redenção atualmente não interessa. O que visam as irredentas atuais é pelo contrário o desmembramento dos estados nacionais em confederações compostas de minorias com ampla autonomia. O irredentismo oitocentista é sintoma de nacionalismo exarcebado, o atual sintoma do começo do fim do nacionalismo. Mais que fenômeno político, social ou econômico, trata-se de fenômeno cultural, cuja importância não pode ser exagerada.

As clássicas nações europeias no sentido moderno do termo são comunidades linguísticas muito curiosas: comunidades que, embora falassem diversos dialetos, dispõem de língua oficial, a "nacional", comum para todos. Assim os italianos formam "nação", embora falassem dialetos tão diferentes quanto o é o lombardo do napolitano, porque todos sabem falar também o italiano. E os alemães formam "nação", embora o holsteiniano não possa compreender o bávaro, porque o dito "alto alemão" lhes serve de koiné a todos. Tais línguas nacionais são produtos artificiais da Idade média tardia, (o italiano produto de Dante, o alemão produto de Lutero), e preservam essa sua artificialidade até hoje. Há um sabor de papel impresso, de enciclopedismo, de gramática, em todas essas línguas, se comparadas com os dialetos, e, com efeito, devem o poder que exercem sobre as mentes à invenção da imprensa. O estado nacional substituiu o dinástico, quando a alfabetização se tornou geral na burguesia graças ao livro impresso, e quando o campesinado, transformado em proletariado pela revolução industrial, passou a aprender a língua nacional no ensino primário obrigatório, e destarte ficou alienado da sua língua natal, o dialeto. Este processo de alienação da língua materna em prol da língua do dono da fábrica continuou se acentuando no curso do século 19 e da primeira metade do século 20. O resultado era nacionalismo e degradação das línguas maternas, (e das culturas correspondentes), em folclore.

Pois atualmente este processo está se invertendo. O alfabeto está deixando de ser o código dominante na comunicação de massa, e está cedendo seu lugar à imagem falada. Isto não implica apenas que o texto está sendo ameaçado pela imagem, (que querer alfabetizar é atualmente engajamento um

tanto reacionário), mas também que a língua falada está ameaçando a língua escrita. Há um renascimento da fala, (no rádio, na TV, no cinema, em altofalantes tec.), que revela esteticamente a artificialidade das línguas nacionais, tidas até agora por "naturais", (já que o termo "nação" sugere a ideia de naturalidade). Quando o presidente Giscard se dirige pela TV à "nação", a sua maneira de falar revela ao ouvinte gascão ou picardo não apenas que Giscard é produto da Escola nacional de administração, mas sobretudo que é "estrangeiro". Que a língua francesa não apenas encobre multiplicidade de falas, estas sim "naturais", (embora em sentido complexo do termo), mas que reprime tais falas. E quando a sra. Thatcher fala pelo rádio, a sua maneira de falar não revela apenas ao cockney ser ela produto dos suburbios londrinos, mas sobretudo revela às numerosas minorias celtas, (os escoceses, os welsh etc.), o quanto a língua inglesa reprime as falas "orgânicas" das Ilhas. E tal revelação estética da artificialidade deliberação das línguas nacionais, (e dos nacionalismos), não pode deixar de ter efeito na consciência dos ouvintes. Está começando, em toda parte da Europa, busca febril, violenta, às vezes assassina, das "raízes".

Por certo: tais "raízes" estão, em sua maioria, profundamente enterradas. Não encontrei ninguém, em Aix-en-Provence, que saiba falar provençal, e duvido que haja muita gente falando o occitano em Toulouse. Mas isto não importa. O que conta no irredentismo atual europeu não é o seu lado "positivo": a tentativa deliberada, às vezes desesperada, de insuflar vida em cultura há séculos morta. O que conta é seu lado "negativo": sua negação visceral, (embora nem sempre cerebral), do estado nacional e de tudo representado por tal estado. O empolgante das corais de camponeses nas redondezas que cantam trovas provençais sem compreenderem o que cantam não é a sua deliberada afirmação de separatismo, mas sua negação, geralmente inconsciente, da soberania francesa. O empolgante na ETA não é que tais terroristas querem estabelecer estado basco, (tarefa praticamente impossível) mas que contestam a soberania que a Castelha exerce sobre a península ibérica há tanto tempo. Em suma: a grande novidade não é que a irredenta afirma "raízes" em grande parte míticas, mas que, ao fazê-lo, contesta o mito da "nação", mito este provado altamente nefasto pelas experiências dos dois séculos passados, por pelo menos quatro guerras destruidoras.

O irredentismo contesta a ordem política e social reinante na Europa desde a revolução industrial de um ângulo apenas suspeitado pelos marxistas. Os "não redimidos" não são os proletários, mas as etnias. Por isto os movimentos separatistas se enquadram mal nos esquemas da esquerda, embora sejam, organicamente e objetivamente, movimentos de esquerda. Vale, para tais movimentos, como também para o movimento ecológico e o da libertação da mulher, a constatação que os modelos marxistas deixaram de satisfazer para a captação da revolução ora em curso na Europa. O que, por certo, não é consolo para a burguesia: tais movimentos corrompem os alicerces da ordem estabelecida, sejam ou não marxistas.

Os separatismos étnicos que se articulam em toda parte, e os quais, sem dúvida, aumentarão em intensidade e número no futuro, não podem ser compreendidos fora do contexto do dito "mercado comum", isto é da Europa federal em construção vacilante. (O termo "mercado comum" é deliberadamente prosaico, porque a burguesia quer encobrir com ele o processo, para ela perigoso, do despertar da consciência europeia). Fora do contexto da futuro Europa federal, os separatismos parecem romantismos inocuos, ou loucuras desvairadas, e como tais são apresentados pelos canais oficiais pelos meios de comunicação de massa. Por certo: seria romantismo, ou loucura, querer fazer "estado bretão" ou "estado ladino", em situação na qual gigantes como os Estados Unidos ou União Soviética se sustentam politicamente, socialmente e economicamente com tamanha dificuldade. Em situação na qual "independência" passou a ser apelido, e "interdependência" é a ordem do dia. Mas dentro do contexto de Federação Europeia futura os separatismos adquirem plena sanidade. A questão por eles posta é a seguinte: será a Europa futura federação de estados nacionais caducos e dominados pela burguesia, (a Europa das "pátrias"), ou será ela federação de multiplicidade de territórios autônomos, portanto pulverização do poder interno em prol de poder federal mais efetivo? Estará a Europa futura condenada a ser aliança entre os interesses dos empresários alemães e franceses, ou poderá vir a ser mosaico de interesses menores, ora divergentes, ora convergentes, como o são os dos viticultores provençais, ligures, e renanos? A questão é este: já que a Europa precisa unir-se, se quiser fazer face aos gigantes extra-europeus, deverá fazê-lo em base das estruturas nacionais altamente suspeitas, ou em base de estruturas novas, mais variadas, portanto humanas? Deverá sacrificar, ao unir-se, a sua riqueza de variações, tão tipicamente europeia, ou deverá, pelo contrário, salientar tal diversidade? Deverá deixar de ser ^{"europeia"} ou deverá acentuar, "europeidade"?

O problema ultrapassa o campo de interesse meramente Europeu. Por decadente que seja, a Europa continua sendo, em muitos sentidos, modelo de humanidade toda. As diferenças étnicas europeias, embora diferentes, evocam as diferenças asiáticas e africanas. E quanto a América latina, para a qual o problema étnico tem aspectos diferentes, não é difícil imaginar regionalismos paralelos aos dos defendidos pela nova irredenta. Por isto acompanhar o desenvolvimento da irredenta atual é tão apaixonante: não é movimento provinciano, é pelo contrário cosmopolita, modelar para a humanidade toda. Estamos presenciando o surgir de categorias políticas, sociais, culturais novas, alternativa insuspeita para a sociedade de massa.